

A frase no texto.

Algumas propostas de trabalho para a aula de língua materna*

Joaquim Fonseca**

1. É bem sabido que, na aula de língua materna, todas as actividades giram à roda do texto. Na verdade, de um modo ou de outro, todas elas partem de um texto ou a ele conduzem. A análise e a produção de textos constituem, sem dúvida, momento central, regularmente presente, no ensino da língua materna.

Reconhece-se igualmente que, hoje, o texto literário já não goza na aula do estatuto de privilégio que alguns anos atrás lhe estava consagrado. É que a escola se abriu irreversivelmente à pluralidade dos discursos – no que se consoma, afinal, uma abertura às situações reais de comunicação e de interacção e, logo, à dinâmica interpessoal, à práxis social. Até mesmo o texto oral ganhou o direito a uma presença efectiva (que, no entanto, importa reforçar e ampliar) como objectivo de tratamento na aula.

Estes dois aspectos incontroversos – presença regular do texto na aula e consideração da pluralidade dos discursos – não acarretam, porém, necessariamente que o texto tenha vindo a instituir-se em objecto de tratamento adequado de um ponto de vista linguístico. Na verdade, o texto não é (ou muito raramente é) tomado como objecto de uma reflexão ou de uma exploração que explicita apropriadamente a sua estruturação e o seu funcionamento na interacção comunicativa.

É evidente que uma tal reflexão ou exploração se impõe como necessária, pelo que comporta de elucidação sobre a organização da língua e seus recursos para a constituição de textos e, logo, pelo que representa para o desenvolvimento, tanto ao nível da produção como ao da recepção-interpretação, da competência comunicativa dos alunos, que é antes de tudo e sempre uma competência textual. Não será necessário lembrar aqui as grandes dificuldades que mostram os alunos no domínio da interpretação de textos ou no da sua produção.

2. Todos o sabemos, a frase é ainda hoje o objecto se não exclusivo pelo menos largamente privilegiado na reflexão linguística praticada na aula.

Alguma renovação tem aqui tido lugar. A voga dos modelos transformacionais de descrição-explicação das línguas não apenas ocasionou na aula um mais rigoroso tratamento da frase em termos de análise distribucional e de análise em constituintes imediatos como também, naturalmente, impôs uma abordagem nova de muitos aspectos da estruturação sintagmática e das relações entre fases. Por outro lado, a caracterização de algumas categorias linguísticas, ou, mais rigorosamente, das de natureza deféctica, tem conduzido à consideração de aspectos que relevam do campo enunciativo-pragmático. Também algumas tentativas se vêm realizando na exploração da dimensão accional da linguagem e na análise dos princípios que comandam a comunicação, com a consequente atenção às coordenadas da enunciação.

No entanto, no que respeita a estes últimos aspectos, trata-se de iniciativas de certo modo balbuciantes e sobretudo não suficientemente apoiadas num conhecimento ajustado quer do papel que representam os contextos na produção e na recepção-interpretação das mensagens verbais quer dos mecanismos e dispositivos accionados na interacção comunicativa.

* Retomo neste artigo alguns dos tópicos desenvolvidos em "Quelques aspects du rapport phrase-texte, et leur exploitation dans l'enseignement de la langue maternelle", comunicação apresentada ao 7ème Congrès Mondial de Linguistique Appliquée (AILA Brussels 84), que teve lugar em Bruxelas (4-10 de Agosto de 1948).

** Prof. Associado da Fac. de Letras do Porto

De qualquer modo, as actividades de reflexão ou de exploração dos produtos verbais numa base eminentemente linguística que têm lugar na aula de língua materna, se não se circunscrevem já estritamente à imanência da frase como construção gramatical, raramente atingem o nível do transfrástico e do texto. Neste domínio, a reflexão ou a exploração não é de natureza linguística nem sequer se revela informada das contribuições recentes de uma Linguística interessada pela estruturação do texto e seu funcionamento nas situações de comunicação.

3. É tempo de, na didáctica da língua materna, se assumir o texto como a unidade “originária” da interacção verbal, e de desenvolver uma actuação e uma reflexão à luz de propostas de base saídas da Linguística do Texto – pesem embora a marcada variedade das orientações e a eferescência que reinam na indagação teórica nesse domínio.

É claro que não se tratará de transferir para a aula a aparelhagem teórica e os instrumentos de análise configurados e utilizados na Linguística do Texto. Trata-se antes – como, de resto, deveria acontecer em todas as áreas que cabem na Linguística Aplicada à didáctica de línguas – de fazer envolver no ensino alguns princípios, noções e instrumentos da reflexão linguística, no que se consumaria uma Linguística *implicada* mais do que *aplicada*.

4. Na reflexão de índole linguística sobre o texto, uma grande tarefa se impõe de imediato: captar o que perfaz – e como se perfaz – a sua unidade semântica global e a sua relevância contextual. Realizando-se o texto numa sequência de frases, trata-se basicamente de indagar sobre o que garante a continuidade de sentido que ao mesmo tempo as percorre e as incorpora num complexo significativo unitário que funciona adequadamente numa dada situação de comunicação.

Os grandes conceitos aglutinadores da reflexão parecem ser os de *coerência/coesão macro-estrutura* (ou global) e de *coerência/coesão micro-estrutural* (ou local). Estas noções subsumem propriedades que asseguram a *textura* que detém o texto e basicamente o caracteriza como unidade semântico-pragmática.

Não cabe aqui a análise aprofundada de tais noções, nem da sua interacção e interdependência.⁽¹⁾ Por isso, limitar-me-ei a focar, de um modo genérico, algumas pistas de trabalho no que respeita às relações entre as frases por que se realiza o texto. Situam-se, pois, estas considerações ao nível da estrutura local ou linear do texto, mas ter-se-á sempre presente que as relações configuradas entre as frases do texto são dominadas regularmente pela globalidade da mensagem nele desenhada e, de modo mais imediato, pelos complexos de sentido correspondentes às macro-estruturas intermédias (aproximáveis *grosso modo* aos diversos tópicos ou sub-tópicos detectáveis no desenvolvimento textual).

Nesta perspectiva, é ainda a frase que se apresenta como objecto de reflexão. Atente-se, porém, em que não se trata agora de a encarar como uma construção gramatical descontextualizada, mas como segmento particular de um todo em cuja configuração participa e do qual resultam incidências específicas no seu próprio desenho. Fundamentalmente, a frase constitui no texto o lugar de intersecção da totalidade de significação *intendida* pelo locutor com o *comunicado* que se configura nas outras frases que preenchem o seu co-texto. Daí que cada frase do texto suscita uma análise que atenda ao complexo de interdependências em que está mergulhada – interdependências desenhadas num plano vertical (com a intenção comunicativa global e, mais imediatamente, com a que corresponde a um dado tópico e, logo, em qualquer dos casos, com a situação de comunicação) e num plano horizontal (com o manifestado no contexto verbal).

Como se depreende, a análise de tais interdependências conduz a captar na frase dimensões do texto. Trata-se, assim, de descobrir na *gramática da frase* dimensões da *gramática do texto*. Aquelas interdependências objectivam-se em certos instrumentos e mecanismos de que dispõe uma língua para a articulação de frases em sequência, nelas intervindo também princípios gerais que regem a comunicação. Garantem esses recursos e princípios o que se poderá chamar “boa formação do transfrástico”, em que se inscreve de modo básico uma necessária continuidade de sentido que salvaguarda a progressão “homogénea”, “ligada” da mensagem veiculada no todo textual.

4.1. É necessário explorar adequadamente na aula as dimensões da formação do transfrástico, descrevendo e sistematizando os recursos disponíveis na língua para tal, e elucidando o seu funcionamento.

⁽¹⁾ Ver JOAQUIM FONSECA – *Coesão em português. Semântica-Pregamática-Sintaxe*, Porto, 1981 (especialmente Primeira Parte e Quarta Parte).

A ligação explícita entre frases no texto realiza-se através de instrumentos de junção ou combinação (*relatores*), de elementos vários que instituem relações de *co-referência* e de *cross-referência*, e ainda mediante arranjos internos na organização da frase (que podem envolver opções globais, como, por exemplo, entre activa e passiva) suscitados nomeadamente pela boa articulação tema-rema, pelo bom desenvolvimento da informação investida na sequência textual.

Não é difícil imaginar toda uma vasta gama de práticas orientadas para a exploração destas dimensões que permitam pôr em evidência fenómenos de economia do já verbalizado ou da sua expressão condensada em substitutos, a selecção adequada de artigos e diafóricos, a projecção ajustada de relatores. O estudo das condições do uso de cada um destes recursos, a caracterização do tipo de continuidade do sentido que permitem realizar, a análise da distribuição no texto dos nexos desse modo instituídos, com a devida anotação dos termos que imediatamente resultam articulados – eis algumas pistas de trabalho neste domínio. A sistematização dos resultados da análise através do levantamento dos tipos de dependência encontrados revelar-se-á de elevado interesse.

A ligação de frases através de relatores presta-se a variados exercícios. A transformação de frases complexas numa sequência de frases sintacticamente independentes (ou o inverso) permitirá captar as condições do uso das várias classes ou sub-classes desses instrumentos de conexão. Os diversos tipos de articulação prestam-se a soluções léxico-gramaticais diferenciadas, que devem ser exploradas e contrastadas, pois que através delas se re-definem relações, se obtêm perspectivas matizadas, se recortam novas arrumações de eventos, se marcam diferentes orientações discursivas. Ao levantamento das várias soluções teoricamente possíveis deve seguir-se sempre a selecção, fundamentada, da que surja como (mais) adequada no contexto. Por uma tal via – importa sublinhá-lo – congrega-se o estudo das virtualidades do sistema que é a língua com a reflexão sobre o seu uso afectivo. Por outras palavras, conjuga-se o trabalho orientado para a captação e caracterização de operações gramaticais e das estruturas linguísticas nelas envolvidas com o que visa a elucidação dos factores que presidem a, ou têm incidência sobre, uma dada solução ajustada aos contextos.

Dentro da mesma óptica, será de explorar a ligação ao co-texto e ao quadro enunciativo de certas propriedades ou ou traços reconhecíveis na organização interna da frase, tais como deslocação de constituintes, clivagens, emprego da passiva... Impõe-se, naturalmente, aqui a avaliação das incidências que tais arranjos ocasionam quer no comunicado quer, eventualmente, na própria aceitabilidade de soluções alternativas, justamente a seleccionar em função dos parâmetros co-textuais e contextuais.

O estudo das relações inter-frases deveria ainda dar ocasião a um tratamento particular do léxico. Procurar-se-ia, então, captar e caracterizar não apenas a projecção, sob diversas modalidades, de elementos lexicais em fenómenos de natureza diafórica como também a instituição de redes de isossemia. A partir destas facilmente se chegaria à definição de isotopias que percorrem o texto. Por outro lado, impor-se-ia a configuração do universo das referências e das predicacões instituídas no texto e bem assim a análise dos diversos tipos de nexos que as inter-relacionam.

Fica assim recortado, embora em linhas sumárias, um já vasto campo de actividades a desenvolver sobre as micro-estruturas do texto, ou seja, sobre as conexões entre as frases por que ele se nos apresenta. No entanto, cabe ainda neste domínio a exploração de laços de tipo *funcional*, que têm a ver com o papel semântico ou semântico-pragmático específico que, globalmente, uma dada frase desempenha em relação a outra (ou a uma sequência de outras) que lhe é contígua. Uma tipologia adequada destas relações funcionais entre as frases por que se concretiza o texto – relações que alguns autores tratam sob a designação de *coerência/coesão funcional* do texto – está ainda por levantar, mas algumas delas (como as de *especificação*, *generalização*, *correção*, etc.) apresentam-se recortadas de modo suficientemente claro e estão ao alcance de um tratamento interessante.

Não se esquecerá, finalmente, a possibilidade de captar nexos entre as frases do texto sob o ponto de vista accional, isto é, sob o ângulo da teoria dos actos de discurso. Trata-se, em síntese, de captar a força ilocutória de cada frase, os índices que a revelem e/ou os parâmetros contextuais que a determinam (ao mesmo tempo que preenchem as condições da sua realização). Uma tal análise convoca também a atenção sobre a sequência de actos de discurso que se desenvolvem no texto, e, logo, sobre os modos por que se realizam e articulam. Ou seja, importa tentar captar a “boa formação sequencial” de actos de discurso, que exige que a realização de um determinado acto se apoie noutro(s) configurado(s) em segmentos discursivos contíguos.

4.2. Nas considerações tecidas até aqui e nas pistas de trabalho brevemente apontadas, poderá ter ficado entendido que as relações entre as frases do texto se apresentam de modo regular explicitamente marcadas através dos vários recursos referenciados.

Ora é sabido que tal não acontece. Daí que surja um novo campo de trabalho, que respeita à explicitação das ligações implicitamente estabelecidas. Esse trabalho envolve a consideração e o bem entendimento do alcance das dimensões significativas implícitas agregadas a uma frase contextualizada, que determinem que o *comunicado* seja sempre mais (e não raro diverso) do que é *dito*.

A boa captação das relações implícitas entre frases no texto põe particularmente em jogo, por um lado, as indicações que cada uma delas fornece sobre a sua enunciação e as directivas que de algum modo comporta para o desenvolvimento discursivo, e, por outro lado, o universo de conhecimentos, de crenças e de valores suposto partilhado entre locutor e alocutário. Tal universo é utilizado, em articulação com o domínio de princípios que comandam a comunicação, como *elemento de sentido* tanto na instância da produção como na da recepção-interpretação.

É vastíssimo o campo de trabalho que deste modo se desenha. A exploração de pressuposições, de alusões, de implicaturas, de inferências – agregadas a, e apoiadas em, o conhecimento do mundo, mecanismos centrais da interacção comunicativa, e, naturalmente, elementos integrantes da organização sintáctico-semântica da frase e sua configuração global – torna-se aqui inevitável.

É, pois, necessário, conduzir os alunos, por um lado, a captar as indicações que cada frase contextualizada fornece sobre o quadro enunciativo em que foi produzida e sobre o próprio desenvolvimento discursivo, e, por outro lado, a reconhecer a explorar as articulações entre os produtos verbais e o referido universo de conhecimentos, crenças e valores envolvido na configuração dos discursos e na produção do sentido. Em particular, é preciso mostrar como este universo se organiza em termos de *moldes* ou *quadros* (inglês, *frames*) ligados a um dado domínio de experiência, a uma dada situação (ou tipo de situação) e como tal organização esquemática é activada na recepção-interpretação dos discursos ou suscitada na sua produção, possibilitando, assim, e guiando, a criação do sentido sobre o texto. Conviria ainda analisar as circunstâncias envolvidas nas *implicações* e os nexos que se instituem entre estas e as estratégias discursivas.

5. Algumas das pistas de trabalho referenciadas (em particular as que se assinalam em 4.2.), porque ultrapassam claramente a consideração estrita da sintagmática imanente da mensagem verbal, só podem ser adequadamente desenvolvidas numa base eminentemente textual, que atenda ao texto como unidade semântico-pragmática globalmente contextualizada.

Significa isto que a exploração das relações que ligam as frases por que se realiza o texto tem de articular-se (como mais acima já se deixou referido) com a consideração da sua coerência/coesão global ou macro-estrutural, ou seja, com as estruturas globais segundo as quais ele se organiza e desenvolve.

Neste domínio, que respeita basicamente às representações semânticas e semântico-pragmáticas próprias de uma sequência de frases ou do todo textual (onde se desenham temas e sub-temas), cabe explorar os modos por que cada frase participa no recorte dessas representações. Em particular, o trabalho a desenvolver deverá conduzir à descoberta e caracterização de frases que desempenhem um papel específico no texto, ou porque assinalam explicitamente um tema (*frases temáticas*), ou porque marcam um momento saliente na orientação discursiva, ou porque contêm índices relevantes de uma efectiva presença no texto da *interlocução*. Naturalmente, impõe-se também desenvolver nos alunos a capacidade de, por um lado, reconstruir frases desse tipo (em particular frases temáticas) quando o texto as não contém explicitamente e, por outro lado, de as introduzir na planificação e realização dos seus próprios discursos. Tais frases testemunham, na verdade, estruturas globais do texto, rumos e momentos centrais do seu desenvolvimento, revelando-se, por isso, objecto privilegiado de uma reflexão sobre as relações frase-texto ou texto-frase, que convém praticar na aula.

6. Não se pretendeu apresentar aqui um programa de trabalho com o texto na aula, numa base eminentemente linguística, mas tão somente esboçar algumas propostas para uma abordagem da frase tomada como segmento de manifestação do texto. Apontou-se, pois, para um alargamento da reflexão sobre a frase que contemple a sua inserção e o seu funcionamento no texto. Tal perspectiva permitirá, com êxito, articular o estudo das possibilidades teóricas da língua com a análise do seu uso em situações diversificadas de interacção comunicativa. Este uso impõe opções a realizar no conjunto das virtualidades contidas no sistema da língua. É preciso fazer compreender aos alunos os fundamentos destas opções, e, através disso, criar as condições para que acedam a um poder efectivo de utilização da língua em textos bem estruturados e adequados às situações concretas do intercâmbio verbal.